

Bloco de notas

Publicação: [O Mundo em Português Nº62](#)

Data de Publicação: Junho/Julho de 2006

Autor: Alexandra Prado Coelho

O colapso afegão (outra vez)

Não é uma novidade, mas é uma daquelas notícias que ninguém parece demasiado interessado em ouvir: o Afeganistão está à beira do colapso, escreve Ahmed Rashid, um dos maiores especialistas na região, num artigo na New York Review of Books. O texto arranca com algumas das coisas positivas que aconteceram no país, do estabelecimento de um Parlamento com homens e mulheres lado a lado, aos cinco milhões de crianças que regressaram à escola, passando pelos 60 mil combatentes que entregaram as armas. Mas as boas notícias esgotam-se rapidamente. Nas quatro províncias do Sul, os taliban e os seus aliados da al-Qaida têm um controlo quase absoluto e «não há quaisquer sinais de reconstrução económica ou da presença de ONG», diz Rashid. Dirigidos a partir de Quetta, no Paquistão, os taliban continuam a fortalecer-se. «Há um ano, os principais grupos taliban tinham algumas dezenas de combatentes; agora cada grupo tem centenas de homens armados até aos dentes, e com motas, carros e cavalos». Perante este cenário, Rashid considera desastroso o plano americano de começar a reduzir o número de tropas (actualmente 23 mil) no Afeganistão.

A «irracionalidade» da ocupação

A propósito de um livro recentemente lançado, *The Accidental Empire: Israel and the Birth of the Settlements*, de Gershom Gorenberg (israelita nascido nos EUA e editor do Jerusalem Report), o historiador israelita Tom Segev volta, num artigo na Foreign Affairs intitulado «A Bitter Prize», à questão dos colonatos israelitas nos territórios ocupados palestinianos, e à forma como estes nasceram. Contestando a tese de Gorenberg de que os colonatos são produto não apenas de manobras políticas mas também da própria identidade israelita, Segev argumenta que na guerra de 1967, quando a Cisjordânia, Gaza e a Cidade Velha de Jerusalém foram ocupadas, a verdadeira ameaça a Israel vinha do Egipto e «essa foi eficazmente eliminada na primeira hora da guerra, quando a Força Aérea israelita destruiu quase todos os aviões

egípcios antes mesmo de eles levantarem voo». Segev recorda que seis meses antes da guerra os serviços secretos israelitas tinham discordado da ideia de ocupar a Cisjordânia. Mas o Governo ignorou este conselho. «Evitar um ataque da Jordânia não exigia a ocupação da Cisjordânia. Ocupar esse território foi um acto irracional contrário aos interesses nacionais de Israel». E, acrescenta, foi o resultado da «euforia que dominou o gabinete de guerra israelita depois da vitória sobre o Egito» e que levou a que «a razão e a estratégia fossem esquecidas».

China na América Latina

A China está a conquistar terreno e influência na América Latina e vários países da região vêem a relação com Pequim como uma forma de contrabalançar o poder dos Estados Unidos numa zona que estes sempre encararam como o seu «quintal», alerta o centro de análise Power and Interest News Report, num relatório recente. Os vários países que compõem a região olham para a China de formas diferentes: a Argentina, o Peru e o Chile vêem-na como um comprador insaciável de matérias-primas e, portanto, um factor determinante para o seu desenvolvimento económico; o México, Brasil e as repúblicas da América Central vêem-na mais como uma ameaça, por ser o país que está a atrair investimentos que poderiam ir para eles; e por fim um terceiro grupo, a Bolívia, Cuba, Venezuela, vêem-na como um aliado ideológico. No caso do Brasil, refere o relatório, o entusiasmo inicial tem vindo a arrefecer. «A euforia com a ‘parceria estratégica’ deu lugar ao medo das importações chinesas, desapontamento com as promessas não cumpridas da China de investir dez mil milhões de dólares, descontentamento com o facto de Pequim prejudicar a candidatura do Brasil a um lugar permanente no Conselho de Segurança da ONU, preocupação com os potenciais custos ambientais dos projectos de desenvolvimento apoiados pela China [...] e ansiedade com a possibilidade de o Governo de esquerda de Lula colocar a ideologia à frente do pragmatismo nas relações com a China».

Depois de Bush, um democrata?

É possível que os EUA fiquem melhor se um candidato democrata vencer as eleições presidenciais em 2008, defende o analista neoconservador Robert Kagan, num artigo publicado no Washington Post e disponível no site do Carnegie Endowment for International Peace. A vitória de um democrata seria boa não apenas para «salvar a alma» do Partido Democrata, afirma Kagan, mas para «voltar a unir o país face aos tempos difíceis que aí vêm». Os democratas ainda não estiveram no poder no pós-11 de Setembro, recorda o analista. Por isso, muitos imaginam que quando isso acontecer «o mundo voltará a ser um sítio gerível», como parecia ser durante os anos Clinton.

Mas, sublinha Kagan, «isso é uma fantasia». «As opções que se abrem a uma nova administração nunca são tão grandes como os seus apoiantes imaginam, o que explica porque é que há mais continuidade do que descontinuidade na política externa americana». Por isso, conclui, «se os democratas chegarem ao poder em 2009, a sua abordagem ao pós-11 de Setembro será marginalmente diferente, mas não extraordinariamente diferente, da de Bush».